

Apresentação

O segundo número do volume nove da A Revista Contingentia chega a público, reunindo artigos inéditos que apresentam ao leitor a amplitude que se oferece no campo dos estudos germanísticos no Brasil. Esse é o propósito da revista! Com artigos de estudiosos de diferentes regiões do Brasil e textos de estudiosos em fase de formação, a revista traz um rico diálogo de aproximação entre os que já atuam no meio acadêmico como professores e os trabalhos de pesquisa de estudantes (doutoranda(o)s, mestranda(o)s e estudantes), resultados de suas atuações nos estudos em torno da língua, literatura alemã.

No volume que fecha o número do ano de 2021 passamos por abordagens literárias, linguísticas e tradutórias, com a apresentação de estudos em andamento ou em fase de conclusão. São importantes registros para os estudos germanísticos brasileiros trazidos a público.

O texto que abre o volume é de autoria de Daniel Zanchet da Rosa e Karen Pupp Spinassé, com o título “O uso de memes na aula de alemão como língua estrangeira: um projeto didático”, propõe uma unidade didática (UD) para o ensino da língua alemã, baseada, sobretudo, em memes. Por ser este um gênero textual divertido e bastante popular entre os jovens internautas, ele é bastante adequado para o trabalho em sala de aula e certamente contribui para a adesão dos alunos nas atividades previstas. Com esta UD baseada em memes, os autores pretendem trabalhar não só aspectos linguísticos do alemão, através das atividades de leitura dos pequenos textos na língua-alvo e da abordagem do conteúdo gramatical neles presente, mas buscam, como objetivo didático central, debater com os alunos questões como preconceito, agressões e bullying. Como produto final da UD, a proposta é de que os estudantes produzam memes em língua alemã para circularem de forma virtual e/ou de forma impressa no ambiente escolar.

Na sequência, Marcele Monteiro Pereira e Fernanda Boarin Boechat trazem um instigante e importante trabalho intitulado “Letramento Literário no ensino de Alemão como Língua Estrangeira (ALE/DaF): a literatura indígena por Curt Unckel Nimuendajú”, com o qual apresentam uma proposta de ensino de Literatura no âmbito de Alemão como Língua Estrangeira (ALE/DaF) na Educação Básica que contemple práticas de Letramento Literário. Para tanto, e em cumprimento da Lei nº 11. 645/2008, que torna obrigatória

a presença da cultura e história dos povos originários do Brasil no currículo oficial da rede de ensino, a proposta contempla a leitura da narrativa indígena “Jaboty und Arára”, catalogada pelo etnógrafo alemão autodidata Curt Unkel Nimuendajú (NIMUENDAJÚ, 1922) enquanto esteve com os Xipaya – etnia indígena do Estado do Pará – entre os anos 1918 e 1919. A proposta de ensino apresentada foi estruturada com base na “Sequência Básica” desenvolvida por Rildo Cosson (2016).

Lucas Löff Machado, por sua vez, apresenta o artigo “Discurso da norma na imprensa de imigração alemã no Sul do Brasil”. Neste, o autor traz reflexões sobre negociações em torno do papel da norma linguística em contextos multilíngues como um fenômeno recorrente no discurso científico, popular e na imprensa. Hierarquias e valores distintos são associados de acordo com a posição dos atores e o contexto histórico vigente e manifestam-se na forma de mitos, crenças e ideologias sobre línguas (Pupp Spinassé & Mozzillo, 2021; Altenhofen, 2004). O estudo de Lucas Löff Machado examina o discurso da norma na imprensa de imigração alemã no Rio Grande do Sul em dois excertos em língua alemã, um jornal e um relato de viagem, publicados na primeira década do séc. XX. O primeiro dirige-se às comunidades locais de fala alemã, de modo especial aos professores católicos (Bredemeier, 2010). O segundo exemplar tem um público-alvo mais global de viés colonialista. Com auxílio das ferramentas da análise linguística do discurso (Spitzmüller & Warnke, 2018) são discutidos de modo exemplar os níveis da palavra, da proposição e da metáfora bem como o nível de práticas sociais, cujos sentidos ultrapassam as fronteiras de cada texto e estruturam o discurso da norma. Os dados mostram uma tendência em essencializar a distinção entre norma-padrão (Hochdeutsch) e normas locais (hunsriqueano, pomerano) a partir de uma ideologia da homogeneidade linguística. Tal ideologia alimenta-se de sentidos como da língua idealmente bela, da primazia do alemão-padrão na escola, do distanciamento do dialeto, da distinção às línguas em contato, isto é, ao português. Através de categorias coletivas que generalizam os grupos locais e nomes estigmatizados, oposições linguísticas e metáforas, uma hierarquia das normas linguísticas é marcada. Tais análises podem ser verificadas em diferentes tipos textuais que carregam discursos da norma e possibilitam abordagens quantitativas. O estudo de Lucas contribui para ampliar as pesquisas sobre o discurso da norma e incentiva a concretização de um corpus de textos da imigração alemã.

Com o artigo “Do ‘si mesmo’ ao ‘outro’: ser, conviver, transformar”, Renato Barros de Castro traz uma abordagem em torno do conceito de convivência, que, segundo Ette (2008), adquire importância capital para a literatura e a transformação que ela propicia ao leitor, sobretudo no âmbito da narrativa de viagem. Falar no “outro”, hoje, leva a pensar em uma identidade cultural distinta. Porém, esse “outro” pode ser algo menos

previsível como a natureza ou o meio ambiente, de que o ser humano tantas vezes se crê dissociado. A alteridade, conforme analisada aqui, além de abordar o conceito de “estrangeiro” de Kristeva (1988), também inclui a natureza; esse “novo outro”, afinal, também diz respeito à ecologia e à sustentabilidade (Schmidt [2015] e Krenak [2020]), bem como ao modo de o autor, viajante ou leitor se responsabilizar e tomar consciência do mundo do qual participa. Não seria papel da literatura intermediar a compreensão de que a humanidade segue rumos perigosos (culminando na pandemia atual) e refletir a dessubjetivação e abandono do antropocentrismo?

Em “Ele escreveu enquanto o sol deslizava no mar e enquanto o ar se enchia de escuridão”: escrita, morte e sobrevivência em “Resposta à abadessa”, a autora Carla Luciane Klos Schöninger analisa o capítulo “Resposta à Abadessa”, do romance *Fama: um romance em nove histórias*, do escritor alemão Daniel Kehlmann. Miguel Auristos Blancos é um personagem/escritor reconhecido por suas obras, das quais a principal abordagem é sobre a espiritualidade. Todos os dias ele responde às cartas de seus leitores, que esperam receber dicas, sugestões e conselhos. Dedicou aquele dia para responder à abadessa, enquanto o sol brilhava sobre o mar e o ar se enchia lentamente de escuridão. Blancos se incomoda com a resposta, porque ela o faz refletir sobre os próprios textos e crenças. Seus pensamentos o levam a considerar o suicídio como uma solução para seus conflitos internos. Esta pesquisa bibliográfica considera outros escritores, que refletem sobre a morte ao longo de seus textos, como Michel de Montaigne, outros que devido à infelicidade, à angústia e à melancolia decidiram antecipar a morte, como Stefan Zweig e Virginia Woolf, podendo ter inspirado a construção desse escritor ficcional. Por outro lado, o filólogo Ottmar Ette destaca alguns escritores que utilizaram a escrita diante da morte, mas buscando a sobrevivência, como Werner Krauss e Hannah Arendt. Em ambas as situações há busca pela sobrevivência ou rendição à morte; o medo, a angústia e o sofrimento devastam e, em ambas as circunstâncias, o fim idealizado é a mais pura liberdade, e a literatura escrita é uma forma de assegurar a sobrevivência.

No artigo “Aproximações entre as narrativas testemunhais nas obras de Inge Scholl e Uwe Timm”, Milena Hoffmann Kunrath e Bruna Escalante Ayres propõem comparar as narrativas testemunhais dos autores Uwe Timm, no livro *À sombra de meu irmão: As marcas do nazismo e do pós-guerra em uma família alemã*, e de Inge Scholl, em *A Rosa Branca*, sob a ótica do papel da influência da Segunda Guerra Mundial, que ainda afeta não só os participantes diretos, mas também indiretos e seus descendentes ainda muito tempo depois do fim do conflito. As formas de recuperação da memória e a visita aos fatos passados, não somente vividos pelos irmãos, mas também pelos narradores e seus contemporâneos, trazem uma perspectiva crítica dos acontecimentos e da visão dos irmãos

e das famílias sobre os acontecimentos. Enquanto, durante o nazismo, o irmão de Uwe Timm foi considerado um herói, os irmãos Scholl, executados sumariamente pelo regime, transformaram-se em mártires por terem lutado para resistência. As marcas dos acontecimentos na vida de Inge e Uwe não se deixam transparecer da mesma forma: sabemos que Inge foi presa por causa dos irmãos, mas nada mais que isso. Já sobre Uwe, o livro *À sombra de meu irmão* trata mais dele do que do irmão: questões como a preferência do pai por Karl Heinz e o orgulho que sentia pelo filho mais velho aparecem a todo momento na narração de Timm. O estudo será amparado em Sebald e Seligmann-Silva sobre a dificuldade em recuperar a lembrança do trauma. Além destes, servem como fundamentação os trabalhos de Benjamin e Galle para esta questão. Bosi e LaCapra auxiliam no entendimento da memória no âmbito familiar, bem como as relações intrafamiliares. Ainda na questão da memória, também há referência a Halbwachs, Straub e Nora.

O artigo “Criação sem criador: uma análise das teorias de tradução de Yoko Tawada em ‘Tawada Yoko não existe’ em diálogo com Jorge Luis Borges e ‘A biblioteca de Babel’” fecha o presente número. Nesse texto, Marianna Ilgenfritz Daudt apresenta um breve estudo comparativo entre as teorias de tradução da escritora Yoko Tawada e do escritor Jorge Luis Borges, utilizando-se como base a análise do ensaio “Tawada Yoko não existe”, de Tawada, e o conto “A biblioteca de Babel”, de Borges, tendo como principal aporte teórico ensaios críticos dos próprios autores. A diferença dos contextos de escrita e reflexão dos dois escritores têm o importante papel de marcar a universalidade e, ainda mais, a permanente atualidade e necessidade de se discutir o tema da tradução de pontos de vista não-centrais. A reflexão teórica busca focar as críticas ao conceito de originalidade mantidas por Tawada e por Borges e a dessacralização da figura do autor, considerando que esse conceito e a conseqüente exigência da fidelidade na tradução têm estado na base da ideia de inferioridade dos textos traduzidos. Expondo as fragilidades desse conceito, os autores enfraquecem as teorias dominantes das culturas centrais sobre as periféricas e valorizam a mobilidade dos textos e as produções de diferentes espaços culturais.

Às leitoras e aos leitores do presente número desejamos uma prazerosa leitura.

Os editores.

Gerson Roberto Neumann – UFRGS

Helano Jader Ribeiro – UFPB

Sofia Froehlich Kohl – UPorto